

O uso de curtas-metragens para a promoção da autoestima, bem-estar e prevenção de violência em crianças: uma experiência na escola

Fabrcia Teixeira Borges

Professora da Universidade de Brasília (UnB) no Instituto de Psicologia (IP) Orienta mestrado e doutorado no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE). Lider do grupo de pesquisa DelArtes e membro do GT da Anpepp Psicologia, Arte e Estética

✉ fabrcia.borges@gmail.com

Silvia Lordello

Psicóloga e Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura e da graduação em Psicologia na Universidade de Brasília. Coordenadora do Laboratório de Família, Grupos e Comunidade (LABFAM)

✉ srmlordello@gmail.com

Giovanna Buzolo Leite

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do projeto de extensão Cinepsi Nas Escolas, do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (UnB/IP/PED)

✉ giovanna.2001buzolo@gmail.com

Carlos Eduardo Sales De Andrade

Graduando em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do projeto de extensão Cinepsi Nas Escolas, do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED)

✉ andrade.carlos@aluno.unb.br

Julia Garcia de Santana

Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi bolsista do projeto de extensão CinePsi nas Escolas, vinculado ao Instituto de Psicologia (IP), e do projeto LeiA - Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças. Faz parte da coordenação geral do Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido (CAPE)

✉ 221032128julia@gmail.com

Resumo:

A proposta do artigo é apresentar a experiência de um projeto de extensão (CinePsi nas escolas) que utiliza de filmes de curta-metragens e atividades para discutir aspectos dos sentimentos e emoções das crianças de escolas públicas do DF. Esse trabalho tem por objetivo promover o bem-estar e a autoestima e prevenir a violência consigo mesmo e com os outros. Do ponto de vista da saúde mental, o trabalho preventivo nas escolas pode apresentar resultados importantes na autoestima e na conscientização das crianças e jovens a respeito do seu próprio desenvolvimento. Assim, ao exibir filmes de temáticas relacionadas à psicologia e promover a discussão de como o cinema/filmes podem mediar experiências subjetivas, estéticas e de arte, entendemos que há uma ampliação de tomada de consciência sobre os processos de subjetivação. O projeto CinePsi nas Escolas utilizou o cinema, especificamente curta-metragens como dispositivos pedagógicos promovendo atividades voltadas para a reflexão e a participação ativa dos estudantes. As sessões foram estruturadas em dois momentos principais: a exibição de curtas-metragens e a realização de atividades interativas. Foram analisadas as informações que foram construídas na expectativa de três curtas-metragens e as atividades desenvolvidas após as crianças e adolescentes assistirem aos filmes. A utilização do cinema, aliada ao debate e a práticas pedagógicas, demonstrou um grande potencial para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e éticas, promovendo um ambiente mais saudável e estimulante para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Escola, rede de apoio, prevenção de violências, cinema.

The use of short films to promote self-esteem, well-being and violence prevention in children: a school experience

Abstract:

The purpose of this article is to present the experience of an extension project (CinePsi in schools) that uses short films and activities to discuss aspects of the feelings and emotions of children in public schools in the Federal District, in order to promote well-being and self-esteem and to prevent violence against oneself and others. We believe that preventive work in schools can have important results on the self-esteem and self-awareness of children and young people in their development. Thus, by showing films on topics related to psychology and promoting discussion on how cinema/films mediate aesthetic and art experiences, we understand that there is a broadening of self-awareness and awareness of the world. The CinePsi in Schools project used cinema, specifically short films, as a central pedagogical resource, promoting activities aimed at reflection and the active participation of students. The sessions were structured around two main moments: the screening of short films and interactive activities. We analyzed the information that was built up during the screening of 3 short films and the activities developed after the children and adolescents watched the films. The use of cinema, combined with debate and pedagogical practices, showed great potential for developing social, emotional and ethical skills, promoting a healthier and more stimulating environment for everyone involved.

Keywords: School, support network, violence prevention, cinema.

El uso de cortometrajes para promover la autoestima, el bienestar y la prevención de la violencia en los niños: una experiencia escolar

Resumen:

El propósito de este artículo es presentar la experiencia de un proyecto de extensión (CinePsi en las escuelas) que utiliza cortometrajes y actividades para discutir aspectos de los sentimientos y emociones de los niños en las escuelas públicas del Distrito Federal, con el fin de promover el bienestar y la autoestima y prevenir la violencia contra sí mismo y los demás. Creemos que el trabajo preventivo en las escuelas puede tener resultados importantes en la autoestima y la autoconciencia de los niños y jóvenes en su desarrollo. Así, al proyectar películas sobre temas relacionados con la psicología y promover el debate sobre cómo el cine/las películas median en las experiencias estéticas y artísticas, entendemos que se produce una ampliación de la autoconciencia y de la conciencia del mundo. El proyecto CinePsi en las Escuelas utilizó el cine, concretamente los cortometrajes, como recurso pedagógico central, promoviendo actividades orientadas a la reflexión y a la participación activa de los alumnos. Las sesiones se estructuraron en torno a dos momentos principales: la proyección de cortometrajes y las actividades interactivas. Analizamos la información que se construyó durante la proyección de 3 cortometrajes y las actividades desarrolladas después de que los niños y adolescentes vieran las películas. El uso del cine, combinado con el debate y las prácticas pedagógicas, mostró un gran potencial para desarrollar habilidades sociales, emocionales y éticas, promoviendo un ambiente más saludable y estimulante para todos los implicados.

Palabras clave: Escuela, red de apoyo, prevención de la violencia, cine.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar a experiência de um projeto de extensão que utiliza de filmes de curta-metragens e atividades para discutir aspectos dos sentimentos e emoções das crianças de escolas públicas do DF. O intuito deste projeto é a promoção do bem-estar e da autoestima e prevenção de violências contra si mesmo e com outros. Ao abordar o tema saúde mental de crianças e adolescentes é indispensável mencionar a escola e seu papel insubstituível nesse cenário. Isso porque o contexto escolar, com suas especificidades interativas e focadas no desenvolvimento, constitui-se em espaço privilegiado para que propostas de prevenção sejam materializadas.

De acordo com Oliveira *et al.* (2024), as práticas de promoção de saúde mental, embora estejam muito associadas às políticas de saúde, destinadas à rede de atendimento psicossocial (RAPS) e concretizadas pelos Centros de Atendimento Psicossociais Infantojuvenis (CAPSi), tem como característica principal a intersetorialidade. Segundo os autores, ainda há um descompasso na articulação intersetorial entre saúde e educação, fundamental para que as iniciativas de promoção de saúde sejam colocadas em prática.

É preciso lembrar que políticas de saúde mental para crianças e adolescentes são recentes e datam do último século. Praisner *et al.* (2023), apontam que somente em 2001, com o Fórum Nacional de Saúde Mental Infanto-Juvenil, esse tema passa a ser presente nas conferências nacionais de saúde mental, gerando publicações voltadas às ações intersetoriais e tomando lugar na agenda política do país. Isso justifica, em parte, os motivos pelos quais planejar ações de saúde na escola ainda se mostra tão desafiador.

Entretanto, a pesquisa de Oliveira *et al.* (2024) indica o quanto se mostram urgentes intervenções preventivas. Segundo os autores, profissionais apontam que a violência e os conflitos escolares precisam ser enfrentados e que espelham o quanto a escola tem sido responsabilizada para dar conta de muitas demandas negligenciadas por outras políticas importantes. Com isso, espera-se que a escola e seus educadores consigam trabalhar situações que dizem respeito à falta de acesso a direitos, vulnerabilidade econômica, múltiplas violências, entre outras.

Diante disso, a literatura tem apontado o quanto tecnologias sociais que unem dispositivos educacionais no tema da saúde mental podem ser bem aceitas e apresentam boa

avaliação por parte dos usuários. As crianças e adolescentes validam oportunidades de discussão e ações com metodologias dialógicas que possam articular temáticas presentes em seus mundos reais com espaços concretos e acolhedores (LORDELLO *et al.*, 2023; RODRIGUES e QUIXADÁ, 2023).

Essas tecnologias estão alinhadas com os pressupostos da atenção psicossocial, que preconiza uma visão ampliada de cuidado, privilegiando a promoção de autonomia, cidadania e participação social, conforme aponta Oliveira *et al.* (2023). Para esses autores, a promoção da saúde mental nas escolas deve incluir a reflexão crítica sobre as realidades nas quais a comunidade está imersa, para que se articule uma visão propositiva e emancipatória das questões sociais que envolvem a violência.

Nesse campo, tensionar normatividades consolidadas com origem no passado histórico escravocrata e colonizado é uma recomendação para originar reflexões contra hegemônicas mais inclusivas e promotoras de saúde mental nas dinâmicas escolares. Um outro aspecto importante é a valorização dos processos grupais, que, afastando-se de uma perspectiva clínica individualizante, são capazes de fortalecer a participação social e promover uma rede de relações territorializadas. Dessa forma, as iniciativas de espaços dialógicos transformadores são mais efetivas quando realizadas de forma grupal nas dinâmicas escolares, como é o caso do “CinePsi nas Escolas” que será apresentado neste artigo.

CINEMA NAS ESCOLAS

Acreditamos que o trabalho preventivo nas escolas pode apresentar resultados importantes na autoestima e consciência de si das crianças e jovens em seu desenvolvimento e, abordando a mediação de imagens na educação entendemos como esta interface pode contribuir para a formação em uma proposta lúdica e também atenta com o mundo contemporâneo, que está cada dia mais permeado de vídeos e imagens. Assim, ao exibir filmes de temáticas relacionadas à psicologia e promover a discussão de como o cinema/filmes pode mediar experiências estéticas e de arte onde há uma ampliação de tomada de consciência de

si e sobre o mundo. Entendemos a proposta estética para além do objeto artístico e do fenômeno da arte, uma vez que o conceito estético, como bem formula Bakhtin (1993) pode envolver o desenvolvimento moral e valoroso, no sentido de entender as interações verbais como parte de uma relação do sujeito com o outro em uma proposta de acabamento estético em uma responsabilidade ética e estética.

Portanto, a partir da concepção da mediação semiótica e das interações sociais e dialógicas, encontramos na arte, e em especial no cinema uma suposição de que os recursos imagéticos, a elaboração da linguagem cinematográfica e as narrativas organizadas intencionalmente a partir de uma linguagem fílmica funcionam como recursos simbólicos (ZITTOUN, 2007, 2017). Esses recursos simbólicos propiciam uma expansão da experiência e consequentemente da consciência através dos processos dialógicos com o filme que colaboram para uma constituição de si como forma de promover um pensamento mais crítico e reflexivo no que tange à percepção do mundo (BORGES, 2008).

O mundo, este mesmo que o vemos e que se constitui como uma materialidade, muda na forma de reconhecer e de nos posicionarmos, no agenciamento do self (ROSA, 2017). A assistência de filmes, tanto no espaço do cinema como em aplicativos de *streaming* configura uma relação com o cinema como objeto estético, modificar os aspectos relacionados à visão de mundo, à consciência e à percepção de si e do outro, em uma interação dialógica, que provoca a alteridade e os deslocamentos de si (BAKHTIN, 2019). Trata-se, portanto, de um distanciamento de suas próprias ideologias o que permite um rebuscar de novas percepções.

E claro, que esta experiência não é sempre garantida pelo contato da pessoa com o objeto artístico e estético (VIGOSTKI, 1999). Entendemos que ao se expor ao filme, o espectador também se coloca em um processo de interação que pode tornar-se efetivo, ou não, em sua apreensão das narrativas fílmicas. A direção em que as mudanças podem ocorrer a partir de novos significados que são disponibilizados pelos filmes, não é garantido pela natureza ética e estética presente no objeto da interação, mas ele participa de um fenômeno ativo que envolve o espectador, suas histórias e seus processos ideológicos em confronto com os advindos do filme.

Enfocamos, então, a longevidade do olhar lançado sobre o filme como objeto estético, o que expõe esse mesmo olhar, a uma duração diferente de outros fenômenos, contrário à

rapidez do consumo do tempo, em uma perspectiva de educação do olhar. Trata-se de uma contraproposta para pensar a relação com o cinema em uma temporalidade outra, diversa do consumo frenético das redes sociais, ao qual todos estamos expostos, em especial as crianças e os jovens. Esta temporalidade, de captura do olhar, faz com que ao olharmos para este objeto estético específico (o filme), o vejamos como capaz de sustentar o olhar de uma outra forma, portanto, com interações e construções específicas no conhecimento e na percepção de si. Sobre o “sustentar o olhar” dizemos da capacidade de ater-se ao filme, com atenção e motivação em contramão ao constante *zapping* entre telas. E é neste sentido, e também em outros, como a possibilidade de reflexão crítica sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro, que destacamos e apresentamos o filme como sendo capaz de provocar experiências diferenciadas para os espectadores, portanto, experiências outras do desenvolvimento humano e da consciência de si e do mundo.

Neste artigo, analisamos os impactos da ação de extensão universitária CinePsi nas Escolas, na vivência de estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do Distrito Federal. O objetivo central é compreender como a intervenção, voltada para a prevenção de violências e a promoção de sociabilidades mais saudáveis, contribuiu para provocar reflexões e deslocamentos subjetivos entre os participantes. A atividade consistiu na realização de encontros dentro das próprias escolas, nos quais foram exibidos e debatidos filmes de curta-metragem relacionados à temática das violências, foco central da intervenção.

O Cinema, na mesma medida em que pode reforçar estereótipos danosos e normalizar violências, tem também a capacidade de gerar discussões sobre as mais diversas experiências humanas (OLIVEIRA, 2017). Soma-se a isso a potencialidade da escola, como um dos ambientes em que se efetiva a formação humana e onde ocorre o preparo para o exercício da cidadania. As inúmeras formas de violência no sistema atual impedem os cidadãos de viverem e usufruírem plenamente de seus direitos e seu bem-estar. Fato é que grande parte das violências são retroalimentadas através da indústria cultural, inclusive do Cinema, quando esta não está comprometida com a construção de uma sociedade igualitária.

No entanto, é preciso lembrar que quando esse comprometimento existe, a arte deve dar voz também às a uma visão crítica da realidade, tornando-se assim uma fonte inestimável de informação para a rebelião diante do insuportável (XAVIER, 2018). Tendo isso em vista, o

cinema se coloca como uma ferramenta na prevenção de violências, por seu caráter empático de reprodução de outras vivências e transformador na relação com seu interlocutor. Soma-se a isso as potencialidades do ambiente escolar, local e tempo em que crianças e adolescentes aprendem formas de socialização que levarão no decorrer de suas vidas.

METODOLOGIA - CINEPSI NAS ESCOLAS

O CinePsi nas Escolas é uma extensão universitária ligada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília que tem atuado em seus primeiros anos como meio de intervenção no setor primário de prevenção de violências e promoção de sociabilidades mais saudáveis. Ela se dá através de encontros em escolas públicas do Distrito Federal previamente planejado, nos quais filmes que remetem a essa temática são exibidos e discutidos.

A metodologia do CinePsi nas Escolas se embasa na abordagem sócio-histórica e dialógica, de modo a priorizar o aprendizado através das relações e a compreensão do indivíduo como ser histórico e social, dentro de todas as suas contradições e mediados pelas interações verbais. A violência, portanto, é vista como um fator indissociável da forma como as relações têm se construído dentro de uma sociabilidade adoecida. Com isso em vista, foram realizadas sessões, a fim de discutir a violência racial, violência de gênero e intrafamiliar, e violências autoprovocadas. Como o projeto se ancora na mediação estética cinematográfica, houve uma prévia curadoria das obras que seriam utilizadas, assim como da literatura da qual foram retiradas as bases para as discussões em sala de aula. Focamos em identificar fatores de risco e de prevenção para cada violência trabalhada, mantendo um posicionamento crítico acerca de como esses aspectos se relacionam com as vivências das crianças e adolescentes. Para fins de produção deste artigo, os métodos utilizados foram o relato de experiências e a análise das produções do projeto, entre elas, atas de reuniões e trabalhos enviados para congressos.

O projeto CinePsi nas Escolas utilizou o cinema, especificamente curta-metragens como recurso pedagógico central, promovendo atividades voltadas para a reflexão e a participação ativa dos estudantes. O uso de curta-metragens foi justificado pelo tempo

requerido para a atividade, entendendo que os estudantes se encontravam em período letivo. Além disso as narrativas dos filmes escolhidos, expressavam uma temporalidade mais adequada a jovens e crianças bem como a esta cultura do acesso rápido da internet e das redes sociais.

As sessões foram estruturadas em dois momentos principais: a exibição de curtas-metragens e a realização de atividades interativas. Após cada exibição, foi conduzida uma roda de conversa mediada pelos membros do projeto. Durante essas discussões, perguntas disparadoras foram utilizadas para fomentar o debate e a participação ativa das crianças e adolescentes, criando um espaço inclusivo e acolhedor. As reflexões partiram dos temas apresentados nos filmes, incentivando os participantes a explorar suas percepções e ampliar sua visão crítica.

Além das discussões, foram realizadas atividades expressivas, como desenhos, elaborações de textos e produções coletivas, incluindo a criação de cartazes temáticos. Essas dinâmicas permitiram que os alunos refletissem sobre os temas abordados de forma criativa, utilizando a expressão artística como meio de comunicação e elaboração conjunta de significados. Toda a metodologia priorizou a interação direta com as crianças e adolescentes, buscando não apenas estimular a reflexão individual, mas também fortalecer o senso de coletividade e a conscientização sobre questões importantes para o contexto escolar, como respeito, inclusão e convivência saudável.

Nos ciclos dos anos de 2024 e de 2025, a extensão tem atuado em duas escolas do Distrito Federal. Durante o segundo semestre de 2024, foram realizados, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, encontros quinzenais nos quais curtas-metragens foram exibidos e discutidos. No primeiro semestre de 2025, três turmas do 1º ano do Ensino Médio têm sido atendidas, com encontros semanais. No projeto as violências trabalhadas foram: violências auto infligidas, domésticas, de gênero e raciais, em especial neste artigo vamos explorar as informações relacionadas às atividades que enfocaram as violências autoprovocadas.

RESULTADOS - VIOLÊNCIAS AUTOPROVOCADAS

Para o desenvolvimento das atividades com foco nas violências autoprovocadas com crianças do 4º ano foram realizadas duas sessões. Os filmes escolhidos foram “Roberto”, para tratar de distúrbios alimentares, e “Brilhante”, para discutir a importância da comunidade e do acolhimento para pessoas que passam por um intenso sofrimento psíquico. Na sessão de abertura com os adolescentes do 1º ano do Ensino Médio, foi discutido o tema “rede de apoio”, e a mediação ocorreu a partir do curta “O Robô e a Baleia”. Foram no total três sessões, sendo duas com o 4º ano e mais uma com o Ensino Médio.

Sessão 1 - “Roberto”

O filme “[Roberto](#)” (2020) (figura 1) é uma produção da diretora e roteirista Cármen Córdoba. A obra retrata uma personagem que não corresponde aos comportamentos românticos de seu vizinho devido a insegurança que sente em relação ao seu corpo, fruto de uma violenta pressão estética, evidenciada nas fotos de modelos e ilustrações de princesas que cobrem todo o seu quarto. Durante toda a animação, ela é apresentada como alguém que vivencia um caso de obesidade, enquanto restringe sua alimentação e monitora severamente seu peso. No entanto, quando a personagem enfim consegue encontrar o vizinho, descobre-se, ao mesmo tempo que ela, que se tratava de um caso de anorexia. O corpo que foi apresentado não correspondia ao seu real estado, mas na realidade, ela se encontrava perigosamente emagrecida, o que sugere um quadro de anorexia e distorção da imagem de si.

Figura 1. Figura citada no texto.



Legenda: Trecho do filme “Roberto”.

Fonte: [Youtube](#), 2022.

Na primeira atividade, realizada após a exibição do curta, foi pedido que as crianças explicassem com suas palavras a história que haviam assistido. Embora tenham demonstrado conhecimento sobre a anorexia, a mesma estudante que a apontou como “uma doença que faz você se ver de um jeito que você não é”, relatou que a personagem, ao se ver no espelho, “percebeu que na verdade era magra e bonita”. Ao serem questionados por uma das monitoras, as crianças chegaram a um consenso de que não haveria corpos mais bonitos do que outros, mas a fala que encerrou essa primeira discussão foi “se ela não comer nada ela também pode ficar feia”, nos indicando a necessidade de aprofundamento na temática estética.

Durante a exibição do curta e nas atividades de discussão em grupos menores realizadas em seguida, observou-se que as meninas demonstraram uma identificação mais intensa com a protagonista em comparação aos meninos. Essa reação diferenciada pode estar associada às nuances de gênero presentes na narrativa, que retratam conflitos e pressões sociais que ressoam particularmente com as experiências femininas. O grupo composto exclusivamente por meninos, por sua vez, demonstrou mais dificuldade em expressar empatia pela personagem, caçoando de seu corpo e a comparando com outras pessoas que vivenciam a obesidade.

Essa tendência encontra respaldo em pesquisas acadêmicas, como os estudos de Garousi (2014) e Jongenelis *et al.* (2014), que destacam como mulheres e meninas

frequentemente manifestam níveis mais elevados de insatisfação corporal e questionamentos identitários do que homens da mesma faixa etária. Os dados sugerem que as representações midiáticas e as expectativas sociais desiguais impactam de maneira distinta a construção da autoimagem entre gêneros – um fenômeno que parece ter influenciado a recepção diferenciada do filme. [MOU 1]

Sessão 2 - “Brilhante”

Na segunda sessão, foi trabalhado o filme “[Brilhante](#)” (2021) (figura 2) que é um curta-metragem de animação 2D, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pelos estudantes Bruno Stoco, Lucyanna Gonçalves, Maria Isabel Pereira e Soo A Yoo do curso de Design Projeto Visual da Universidade Positivo. A história apresenta um jovem que vive em um mundo onde todos se adaptam a padrões rígidos de comportamento e aparência. Ao longo da narrativa, o protagonista descobre sua singularidade e enfrenta as pressões sociais para expressar sua essência verdadeira. A mensagem central é a importância de aceitar e valorizar quem somos, independentemente das expectativas externas.

Figura 2. Figura citada no texto.



Legenda: Trecho do filme “Brilhante”.

Fonte: [Youtube](#), 2021.

A decisão pela exibição do curta-metragem "Brilhante" fundamentou-se na observação sistemática de um padrão comportamental recorrente entre as crianças: uma marcante necessidade de validação externa, manifestada tanto nas interações entre pares quanto na relação discente-docente. Esta tendência tornava-se particularmente evidente em situações como a busca constante por aprovação em trabalhos acadêmicos, especialmente produções artísticas, e a solicitação frequente de reconhecimento em atividades cotidianas.

Durante as atividades pós-exibição, constatou-se um significativo processo de identificação dos estudantes com a protagonista, particularmente nos momentos narrativos que abordavam questões de autoexigência. A roda de conversa que se seguiu permitiu emergir discussões relevantes sobre a relação entre autoestima e autoconfiança, a pressão internalizada pela perfeição e a importância de naturalizar o processo de aprendizagem, incluindo a aceitação das dificuldades iniciais.

Os resultados obtidos reforçam a eficácia da linguagem cinematográfica como ferramenta catalisadora de diálogos sobre saúde psicológica em contextos educacionais, especialmente quando articulada com metodologias participativas de pós-exibição. A experiência demonstrou como as produções artísticas podem funcionar como espelhos para reflexões sobre desenvolvimento pessoal e relações interpessoais no ambiente escolar.

Sessão 3 - O Robô e a Baleia

O Robô e a Baleia (figura 3), originalmente "[The Robot and the Whale](#)", é uma animação sueca de 2018, dirigida por Jonas Forsman. O curta narra a história de um robô e seu amigo cachorro, que dedicavam seu tempo a ajudar os animais ao redor. No início, o filme apresentava uma limitação do robô: ele não podia ter contato com a água, pois isso compromete seu funcionamento. Contudo, em determinado momento, o robô enfrentava uma situação inesperada, na qual uma baleia encalhada na orla da praia precisava de ajuda.

Superando seu medo e saindo de sua zona de conforto, o robô decidiu enfrentar a água para salvar a baleia e seu filhote, demonstrando coragem e solidariedade. A escolha da obra foi motivada pelo interesse do grupo em pensar a qualidade das redes de apoio como um ponto de partida essencial para discutirmos outras formas de prevenção e enfrentamento de

violências.

Figura 3. Figura citada no texto



Legenda: Trecho do Filme “The robot and the whale”

Fonte: [Youtube](#), 2018.

Após a exibição do curta, foram realizadas rodas de conversa em cada uma das turmas. Como atividade introdutória, os monitores perguntaram: “O que é violência para você?”, com o objetivo de incentivar os estudantes a expressarem suas percepções sobre o tema. Durante a discussão, surgiram diversas formas de violência, como a doméstica, verbal, patrimonial e física. Os monitores do projeto aproveitaram o momento para aprofundar o diálogo, esclarecendo e contextualizando cada uma dessas manifestações.

Em seguida, folhas de papel foram distribuídas entre os estudantes e pedimos que se expressassem de forma criativa acerca da sessão, através de desenhos, textos, recomendações de músicas, como se sentissem mais confortáveis. Ao recolher suas produções, percebemos que se dividiam principalmente em dois tópicos: o medo de não conseguir pedir ajuda e o desafio de ser rede de apoio quando também está vivenciando sofrimento psíquico. Os relatos a seguir foram extraídos das produções dos adolescentes.

O Relato 1 refere-se à identificação do estudante em relação aos seus sentimentos e como poderia agir a partir das discussões que houve no momento das sessões dos filmes.

“Me identifiquei muito com o que o monitor Carlos falou, sobre o fato de um dia a gente estiver meio desanimado para certas coisas e querer só ficar sozinho consigo mesmo. Eu sou um tipo de pessoa que não gosta de precisar pedir ajuda para

familiares ou amigos, na minha cabeça eu consigo lidar com os meus problemas sozinha e eu sei que isso é ruim de certa forma, por que mesmo que você não precise de alguém pra te ajudar, ter ajuda não seria ruim. E eu tenho medo de ser assim se eu passar por algum tipo de violência, será que eu seria capaz de mudar e pedir ajuda para alguém próximo?”

Já o relato 2 destaca os episódios de perdas por quais a estudante passou e seu processo de luto.

“Bom minha vida é um pouco conturbada, já que em um ano perdi 3 pessoas na qual amava muito, e em um dia que era pra ser feliz pelo fato da minha irmã está nascendo ela não resistiu ao parto, e dia 2 do mês que vem faz 3 meses que a perdi. Bom também já perdi minha tia e bisavó. Isso é bem recente e de certa forma não ando bem ultimamente. E não consigo desabafar sobre com ninguém”.

Nos relatos 3 e 4 a estudante relata a importância de ter redes de apoio e de sua dificuldade de conversar sobre seus conflitos com alguém.

“Gostei da conversa, e acho importante ter uma rede de apoio. Sou uma pessoa muito quieta, e só falo o necessário. Isso me incomoda muito e eu realmente queria conversar com alguém. É como se uma corda estivesse apertando meu pescoço, me impedindo de falar o que realmente sinto. Escuto atrocidades calada, mas com uma mente barulhenta. Me sinto prestes a explodir. Enfim, gostei do vídeo, e achei fofo o robô ajudando a baleia encalhada. (A única música que me lembro relacionada a violência e Nurse Office, da Melanie Martinez.)”.

“Eu achei muito interessante a proposta dos estudantes da UnB, pois normalmente é um assunto pouco falado nas escolas. Acho conveniente falar sobre uma situação que está acontecendo comigo, que seria a falta de coragem de falar sobre algo que está me incomodando, nas atitudes de uma pessoa que eu gosto. Essa situação não é nada agradável, pois eu acabo deixando a outra pessoa envolvida achando que o que ela faz (ou não faz) está certo ou não tem problema, mas isso não é verdade. Me sinto presa às vezes, pois eu queria que fosse algo leve, mas não está sendo. Eu acabo percebendo ou reparando em muitos detalhes que me incomodam MUITO! O pior é que eu sei que deveria falar sobre isso, mas não consigo”.

Observamos que os relatos de 1 a 4 demonstram uma fragilidade em como os estudantes encaram suas redes de apoio. Quando questionados quem comporia sua rede de apoio, responderam que seriam suas famílias, amigos, parceiros românticos e animais de estimação. No entanto, quando tiveram liberdade para se expressarem de forma anônima, o que observamos foram vários exemplos da percepção de um desamparo em relação a essa rede de apoio. É notória as divergências entre o discurso na roda de conversa e nos textos escritos de forma anônima. Percebe-se que os adolescentes se sentiam muito mais solitários

e desamparados do que estavam dispostos a admitir aos monitores e colegas quando na roda de conversa. Entendemos, assim, a importância de espaços em que esses sentimentos possam ser acolhidos e suas redes de apoio fortalecidas. Desse modo, qualquer proposta de intervenção pensada a partir dessa sessão deve levar em conta esses fatores.

Já os próximos relatos, 5 e 6, retratam os desafios ao participar de uma rede de apoio quando, ao mesmo tempo, se está precisando de uma. Os adolescentes demonstraram grande sofrimento ao ocupar esse espaço. Um deles afirmou que se sentia como “uma esponja que suga as coisas ruins dos outros, mas que acaba pior do que a outra pessoa tava no começo, e aí não tem ninguém pra ajudar a gente”. Essa percepção da rede como um fardo foi expressa em um dos desenhos (figura 4) com as frases “culpa por não conseguir ajudar”, “e se eu fizesse diferente”, “não posso mudar”, “será que fiz o suficiente”, nem sempre somos retribuídos da mesma forma”, “As vezes nos afundamos em problemas que não são nossos, e quando não conseguimos submergir, nos culpamos”.

Relato 5:

“No curta achei legal que um dos suportes do robô é o cachorrinho, e muitas vezes tem pessoas que não tem outras pessoas de rede de apoio e tem pets, que às vezes são melhores do que pessoas (Eu tenho uma gata que me ajuda muito). Sobre a rede de apoio, às vezes a pessoa que é rede de apoio para você também precisa de um apoio e quando você vai ajudar algumas pessoas as vezes você tá em uma situação pior que ela e depois de tentar ajudar as vezes sai pior do que já estava. A questão é tentar filtrar a sua situação com a da pessoa que você está ajudando”.

Relato 6:

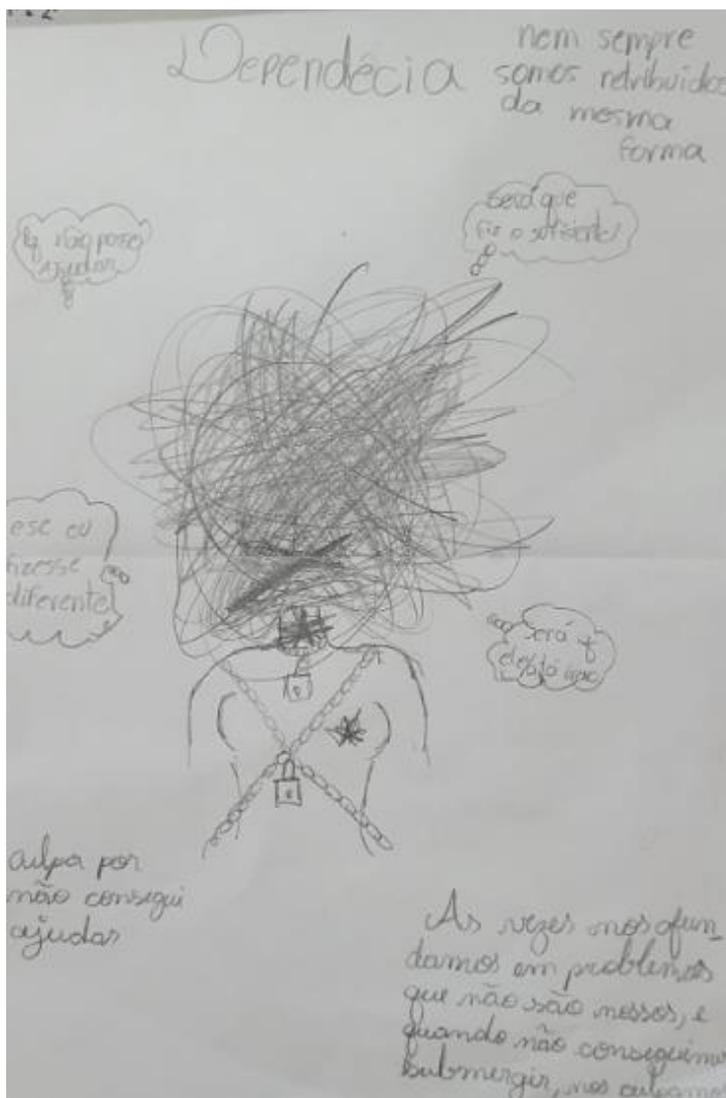
“Às vezes estamos tão preocupados em ajudar os outros que esquecemos os nossos próprios limites. Muitas vezes tentamos nos encaixar a alguém e acabamos nos machucando por medo do abandono”.

A partir dessa produção entendemos que a fragilidade dos vínculos não é a única produtora de sofrimento, mas um emaranhado com os sentimentos do outro também pode ser a causa de desamparo. Os adolescentes apontaram a culpa e o sentimento de insuficiência como produtos dessa dificuldade em separar os sentimentos do outro dos próprios.

Silva (2022) em sua dissertação intitulada “Tecnologia social e a promoção de práticas de prevenção da violência na adolescência na atenção primária”, enfatiza a importância da

participação ativa dos adolescentes na criação de estratégias preventivas. Ela afirma que "o método pesquisa-ação possibilitou a participação ativa e democrática da pesquisadora e comunidade em cada etapa de construção da tecnologia social, estimulou a identificação das situações de violência bem como raciocínio crítico sobre as melhores estratégias para prevenir a violência e promover a cultura da paz" (p. 10).

Figura 4. Desenho realizado por estudante durante sessão do CinePsi nas Escolas



Fonte: Própria.

Durante as sessões do projeto, observou-se uma evolução significativa na capacidade crítica dos estudantes, refletida no aumento do engajamento e da participação ativa nas discussões. Essa evolução ficou evidente tanto nos tópicos abordados pelos próprios alunos, quanto nas representações gráficas que produziram. Ao serem incentivados a criar desenhos

que refletissem os temas discutidos, os alunos frequentemente incorporam não só os pontos debatidos, mas também questões mais amplas e muitas vezes não explicitamente mencionadas.

Na sessão em que os participantes foram divididos em grupos para elaborar cartazes, foi possível perceber uma participação mais ativa dos estudantes, até aquele momento, haviam se mostrado mais reservados. Essa interação aumentou o envolvimento de todos, culminando em uma apresentação em que cada grupo teve a oportunidade de compartilhar as ideias e reflexões expressas em seus cartazes, reforçando a compreensão coletiva. Adicionalmente, o projeto possibilitou uma aproximação entre a escola e a universidade, despertando nos alunos um olhar mais crítico e curiosidade sobre a instituição de ensino superior. A utilização do cinema, aliada ao debate e a práticas pedagógicas, demonstrou um grande potencial para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e éticas, promovendo um ambiente mais saudável e estimulante para todos os envolvidos.

A potencialidade de utilização dos curtas como ferramentas terapêutica-pedagógicas possibilitou a construção de espaços de escuta sensível e reconhecimento das experiências infanto-juvenis, com a legitimidade muitas vezes negligenciada em outros espaços. A articulação saúde-educação se fez presente, por meio do florescimento de processos grupais emancipatórios e compartilhamento de estratégias de como lidar com dilemas comuns à faixa etária. O conteúdo discutido a partir dos dispositivos fílmicos costumam ser invisibilizados pela própria natureza da dimensão adultocêntrica, que invalida as experiências infantis e adolescentes em nossa cultura. Uma proposta que traz protagonismo ao público infantojuvenil, validando-o em suas construções subjetivas também são diferenciais importantes do trabalho. Um outro aspecto de destaque é a possibilidade da interação intersetorial, estimulando um trabalho conjunto entre educadores, psicólogos e demais agentes da rede de proteção. Conforme preconiza Oliveira (2024), somente com metodologias agregadoras, é possível o enfrentamento das múltiplas violências que atravessam o cotidiano escolar, promovendo experiências de cuidado que reconhecem os direitos, as vozes e os contextos históricos e sociais dos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar as salas da escola, as diferentes narrativas expressas pelo cinema e que compõem a linguagem fílmica, o cotidiano e os conflitos se apresentam para os jovens e as crianças sob uma nova ótica. Alí estão em grupo, reagem e interagem numa perspectiva coletiva. Podem se expressar. E expressam: através de suas falas, de seus comportamentos, de seus desenhos. Ao assistirem a um filme, a interação estabelecida com a tela, constroi várias realidades possíveis, tanto a que se apresenta na história do filme, quanto de suas interações uns com os outros, e também com a tela. Suas relações são mediadas pela imagem e pelas narrativas com que cada personagem tem no filme, na cultura e também nas vivências dialógicas com este objeto estético. Então, estas histórias que são apresentadas nas salas de aula, se passa entre a tela e os pensamentos do espectador. São histórias dinâmicas, não apenas produzida pelo diretor, mas atualizada por cada interação estabelecida com os espectadores, como bem disse Munsterberg (1970), precisamos assistir a um filme com a cabeça cheia de ideias. No caso destas crianças e jovens, são cabeças cheias de dúvidas, de percepções de si, de reconhecimento dos personagens e das histórias em suas vidas. As crianças se reconhecem na tela, com suas fragilidades e conflitos, mas estando em um lugar cotidiano, a escola, lhes é permitindo ensaiar sobre seus questionamentos e sentimentos. Também lhes é autorizado a se expressarem.

O cinema pode ser um mediador para abordar temas essenciais à convivência escolar, como a prevenção da violência racial, intrafamiliar, de gênero e auto-violência. A iniciativa não apenas sensibilizou os estudantes para questões complexas e frequentemente negligenciadas, mas também promoveu reflexões profundas e transformadoras que resultaram em um ambiente escolar mais acolhedor, empático e respeitoso. Diante das expressões observadas nas narrativas e atividades feitas pelos estudantes, pode-se perceber que o cinema, quando integrado ao contexto escolar, não apenas educa e sensibiliza, mas também transforma, abrindo caminhos para a promoção do bem-estar emocional e social dos estudantes.

E por fim, podemos argumentar que tecnologias sociais, como a proposta pelo “CinePsi nas escolas” apontam uma relação profícua entre educação e saúde mental, materializando a intersectorialidade entre os dois campos. A escolha dos filmes do projeto não é aleatória, e

expressa uma curadoria não apenas temática, mas que potencialize espaço de escuta e diálogo coletivo, inserindo uma psicologia não de caráter ajustador, mas que proponha a expressão de vivência e afetos de crianças e adolescentes. Um projeto de extensão é a universidade fora de seus muros cumprindo sua finalidade social e entrar nas salas de ensino fundamental e médio propondo reflexões críticas sobre temas como medo, ansiedade, perdas, autocuidado, diversidade e convivência. Tais temas, ao emergirem em narrativas lúdicas e simbólicas do cinema, permitem que o público infantojuvenil acesse conteúdos difíceis de verbalizar em contextos convencionais. Essa proposta favorece o fortalecimento de vínculos e a construção de redes de apoio dentro da própria escola, articulando-se com os princípios da atenção psicossocial e com as diretrizes da promoção de saúde mental centradas em práticas coletivas, cidadania e participação. Além disso, partir de uma universidade pública tem a intenção de ser escola falando com escola, em uma troca de conhecimentos e possibilidades sobre as formas de ser e existir, mediada esteticamente pela arte do cinema.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikail. **Para uma filosofia do ato**. Trad. da ed. Americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

BORGES, F.T. **Olhares de mulheres**: um estudo sobre o filme *Janelas da Alma*. Maceió: Edufal, 2008.

BRILHANTE. Direção: Bruno Henrique Stoco Stdrezk; Lucyanna Gonçalves; Maria Isabel Pereira de Deus; Soo A Yoo. Brasil: Universidade Positivo, 2021. 1 curta-metragem (aprox. 3 min), son., color. Animação. Disponível em: <https://youtu.be/21mDekTZsw>. Acesso em: 13 jul. 2024.

DE OLIVEIRA, João Ferreira; LIBÂNEO, José Carlos; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. Cortez editora, 2017.

GAROUSI, Saideh. Body weight concerns and antifat attitude in Iranian children. **International Journal of Preventive Medicine**, v. 5, n. 12, p. 1587–1593, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4336990/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JONGENELIS, Michelle I.; BYRNE, Susan M.; PETTIGREW, Simone. Self-objectification, body image disturbance, and eating disorder symptoms in young Australian children. **Body Image**, v. 11, n. 3, p. 290–302, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S174014451400043X>. Acesso em: 13 ago. 2024.

LORDELLO, Sílvia Renata, POLEJACK, Larissa, MURTA, Sheila, MENDES, Josimar Antônio. **Nota técnica?** a chat-story cadê o Kauê? Para o Fortalecimento do Protagonismo na Saúde Mental.

O uso de curtas-metragens para a promoção da autoestima, bem-estar e prevenção de violência em crianças: uma experiência na escola

MUNSTERBERG, H. A atenção. Em: I. Xavier **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1970/2003.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro, COUTO, Maria Cristina, SADIGURSCHI, Gabriela, SARDINHA, Gabriel Prata Gonçalves, DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. (2024). Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 34, e34077. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434077>

PRAISNER, T.; CERVO, M. DA R. Saúde mental infanto-juvenil: o cuidado em municípios de pequeno porte. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 35, p. e5999, 2023.

ROBERTO. Direção: Carmen Córdoba González. Espanha: Carmen Córdoba González, 2020. 1 curta-metragem (9 min), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/mrl3N31mde8>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ROBOT AND THE WHALE. Direção: Jonas Forsman. Produção: Nima Yousefi. Suécia: Hobab, 2018. 1 curta-metragem (6 min), son., color. Animação. Disponível em: <https://www.premium-films.com/catalogue/robot-and-the-whale>. Acesso em: 30 jul. 2024.

RODRIGUES, Patrícia Veras, & QUIXADÁ, Luciana Martins. (2023). Protagonismo Juvenil e a Promoção da Saúde Mental da Escola. **Revista Docentes**, 8, 17-26.

ROSA, Alberto. Acechando al psiquismo y la subjetividad desde la primera, segunda y tercera persona. **Papeles de Trabajo Sobre Cultura, Educacion y Desarrollo Humano**, v. 13, n. 2, 2017.

SILVA, Daiane de Paulo Paltanin. **Tecnologia social e a promoção de práticas de prevenção da violência na adolescência na atenção primária**. 2022. Dissertação (Mestrado em Práticas de Saúde) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/82377>. Acesso em: 12 ago. 2024.

VIGOTSKI, L. S. (1999). **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Editora Paz e Terra, 2018.

ZITTOUN, Tania. Symbolic resources and sense-making in learning and instruction. **European Journal of Psychology of Education**, v. 32, n. 1, p. 1-20, 2017.

ZITTOUN, Tania. The role of symbolic resources in human lives. **The Cambridge handbook of sociocultural psychology**, v. 4, n. 16, p. 343-361, 2007.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).